

ACIEPE Percursos Culturais e Urbanos na Cidade
Aluna: Natália Maximo e Melo

21 de agosto – Primeiro encontro

Não participei.

28 de agosto – Segundo encontro

Nesse encontro, como várias pessoas estavam indo pela primeira vez, foi feita uma apresentação e explicações sobre o objetivo da aciepe. O tema principal do encontro foi entender o que é cidade. Foi apresentado pelo prof. Falcoski breves definições da cidade para diferentes autores. Dentre eles, Michel De Certeau, Raquel Rolnik, Henri Lefebvre, Cassio Soares, Jean Remy, W. Benjamin, Weber e Simmel.

As principais definições apresentadas foram:

-Certeau: Planejar uma cidade é tanto pensar a própria pluralidade do real quanto a efetiva mudança de pensar o plural.

-Raquel Rolnik: a cidade é um espaço de confluência das dinâmicas econômicas, políticas, sociais, demográficas, culturais e simbólicas.

-Lefebvre: o urbano e a cidade é uma forma de receptáculo, vazio e plenitude, superobjeto e não objeto, supraconsciência e totalidade das consciências. A cidade tem sido formada, modelada a partir de elementos históricos e naturais, mas sempre politicamente e ideologicamente. A cidade é um espaço político e ideológico.

-Cássio Cunha Soares: a cidade é portadora de um campo cultural e associa-se a seu papel irradiador de civilização, o cosmopolitismo como fenômeno de coexistência de diferentes crenças, costumes, ideias e tipos sociais

-Jean Remy: a cidade é o lugar do debate e da encenação dos pontos de vista mais ou menos opostos. A cidade é a experiência do conflito. Ele é o detetive da cidade, detento de todas as significações urbanas, o saber integral das cidades. Para ele, a cidade é um espaço político e ideológico.

Falcoski explicou ainda que segundo Rolnik a cidade tem 4 significações. Primeiramente, a cidade imã, que se organiza a partir de crenças religiosas, é característica das cidades da antiguidade. Na sequência há a cidade-Estado, a cidade do conhecimento e por fim, a cidade industrial.

Comenta que há uma discussão na literatura sobre quando começa a modernidade e se a cidade é próprio dela ou é anterior. A cidade começou com a indústria ou antes? Mas é interessante perceber que algumas preocupações sempre estiveram presentes na

noção de cidade: a mobilidade, por exemplo, trem e as tecnologias e também a transição do campo para a cidade.

Na impossibilidade de ser assistido o vídeo “Desconstruindo Paris” foi proposto que os participantes o assistissem em casa.

4 de setembro – Terceiro encontro

O tema foi norteado pelo prof. Rejane Rocha e Carolina, do Departamento de Letras. A preocupação da pesquisadora é entender como a literatura trabalha com o espaço e busca estudar na literatura as representações da cidade. Explica que pode se perceber o espaço descrito nos textos, é o que se encontra em textos como os de Baudelaire, Balzac e Machado de Assis. Sendo assim, a cidade é tomada como tema da literatura, ela é conteúdo da literatura. Mas há uma outra perspectiva em que a cidade está presente na forma estética da literatura, está na linguagem escolhida pelo autor.

Rejane explica que a cidade afeta a subjetividade do escritor, suas sensações e experiências.

Há várias formas de entender o que é representação literária. Primeiramente, pode ser entendida como uma imitação, uma descrição, retrato ou decalque da realidade. Mas há também na representação uma interpretação, dela resulta a criação de outras realidades não existentes mas possíveis, são imaginadas. Uma terceira forma de entender a representação literária é ressaltada por Rejane. A representação é um objetivo estético, é buscar causar efeitos no leitor a partir do uso da linguagem.

A cidade é tanto espaço físico (estudado por urbanistas), espaço de sociabilidade (preocupação dos sociólogos) e também tema e conformadora de estruturas textuais. Como o poeta/escritor vê a cidade tem a ver com uma tradição literária de ver a cidade pois o poeta é leitor de outros poetas. E a tradição de representação da cidade na literatura está muito ligada aos contextos de Paris, Londres, ou seja, o tema é a metrópole.

Em seus estudos, Rejane faz comparação entre obras literárias brasileiras de vários períodos e que fazem referência à cidade de São Paulo. A primeira obra analisada é Paulicéia Desvairada, de Mario de Andrade e datada da década de 1920. A segunda obra é Malaqueta, Perus e Bacanaço da década de 1960 e por fim, Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato, escrito nos anos 2000. Essas obras tem uma distância de cerca de 40anos entre uma e outra e apresentam portanto, 3 distintos olhares e 3 formas estilísticas de representar a cidade de Sao Paulo.

O principal exemplo de texto sobre a cidade e que também expressa a cidade na

linguagem está em “Paulicéia desvairada”, esta obra permite perceber o olhar objetivo e também subjetivo do autor. Mario de Andrade considera o desvairismo uma escola literária, portanto, este termo não é apenas um qualificativo para a cidade mas também todo um estilo de escrita. Desvairado pode ser a subjetividade do autor ou ainda, a própria tradição literária que fala da cidade.

Rejane se baseia em Bradbury e Mc Farlane (1999), autores sobre o modernismo no qual a cidade fornece “temas e posturas” e também “analogia da própria forma da modernidade”, ou seja, a cidade deve ser entendida na modernidade tanto tema quanto forma. Um exemplo dado por Rejane é o poema de Mario de Andrade: Tiête. Nele, percebe-se a história do rio ao fazer referente tanto aos bandeirantes quanto ao Club Espéria, também apresenta vários olhares sobre o rio pois há tanto expressões de bandeirantes quanto dos italianos atualmente. A linguagem do poema é concisa e fragmentada, o que é característica de uma sociedade moderna e que foi incorporado na linguagem.

Rejane comenta que a modernidade é progressista, olha o passado fazendo relação com o presente e pensa o futuro. Isso pode ser percebido também na literatura.

O livro Malagueta, Perus e Bacanaço é formado por um conjunto de contos divididos em 3 partes. A primeira delas fala da vida de trabalho, a segunda é situada na caserna e a terceira parte se refere ao ambiente da sinuca e dos bares. Ou seja, representam ambientes urbanos diferentes e o modo como a sequência das partes do livro foi organizada demonstram uma transição do ambiente da ordem para o ambiente da desordem, sendo assim, as normas sociais estão postas em questão nos diferentes ambientes da cidade. Os personagens do livro são malandros e percorrem a cidade, assim, essa aparece do ponto de vista dos marginalizados. Na terceira parte, o ambiente da cidade é noturno, os personagens saem da periferia e andam pela cidade em direção a bares, neste percurso pedem dinheiro, tentam surrupiar dinheiro.

A cidade percorrida a pé em contraposição à cidade dos automóveis é uma forma de mostrar distinções de classe e também um modo de vida que resiste ao modo capitalista. O malandro que busca dinheiro de outros modos que não o trabalho e para isso usa do seu conhecimento da cidade e dos modos de agir em diferentes ambientes. A rua aparece neste livro como o espaço da liberdade e não da violência, há uma relação positiva, afetuosa com o espaço da rua, nela há a sociabilidade destas pessoas nessa época do livro.

O terceiro livro, Eles eram muitos cavalos, representa a cidade de um modo muito diferente. O título faz referência à obra de Cecília Meireles, Romanceiro da inconfidência,

e mostra que o tema do livro se refere aos esquecidos da história, dos anônimos da cidade, os espoliados.

O livro é composto por estratos curtos, não homogêneos, que podem ser desde a data até uma imagem em negro, há portanto, uma desfragmentação extrema na forma estilística, o que une todos os estratos do livro é o fato de se passarem todos no mesmo tempo e espaço: o mesmo dia na cidade de São Paulo. Não há uma afetuosidade com a cidade, ela é representada pelo seus aspectos negativos, seus problemas, crueldades. Não há o malandro mas sim sofredores.

Os lugares que são representados nos 3 livros podem ser representados em mapas e assim é possível perceber que a cidade de São Paulo contida na obra de Mario de Andrade ainda era uma cidade pequena e central. Na obra de João Antônio, além do centro também há lugares considerados periféricos e, por fim, no livro de Luiz Ruffato há uma multiplicação de lugares, distancias diversas inclusive para fora da cidade de São Paulo, por exemplo, o aeroporto de Guarulhos.

11 de setembro – Quarto encontro

Não participei.

18 de setembro – Quinto encontro

O palestrante foi Luciano Costa, professor da arquitetura da USP. Ele comentou sobre sua trajetória de estudos como sociólogo, também estudou educação e arquitetura, e encontrou na imagem a forma de conectar todos os estudos. Se baseou nos textos de W. Benjamin e se ateve à noção de imagem dialética.

A obra mais conhecida de Benjamin sobre a cidade de Paris se refere às passagens, embora, estes espaços tenham tido seu apogeu nos anos de 1840, Benjamin está escrevendo sobre as passagens no início do século XX. Ao falar deles está lidando com memória, a tradição em contraposição às mudanças que o capital proporcionou à cidade, a obsolescência destes espaços. Nos apresentou um trecho do texto “Nápoles” de W. Benjamin. Ao ler o texto percebe-se que há descrição de cenas que são possíveis de serem transformadas em imagens.

O texto se constrói por frações que vão apresentando atores e ambientes. Dessas descrições não é possível distinguir se são cenas vistas por Benjamin ou se foram apreendidas por ele por meio de relato de outras pessoas uma vez que fazem referência a tempos passados. Apresenta contradições da cidade, embora Nápoles seja uma grande cidade, o que ele enfatiza é a pobreza, a religiosidade, a polícia e não a visão colorida dos

viajantes que se interessam por obras de arte. As cores da cidade pensada por estes viajantes são discursos construídos mas que o autor percebe não corresponderem à realidade de Nápoles. Há uma dialética na narrativa de Benjamin entre os elementos como por exemplo entre o construído da cidade e a ação dos atores que aparecem nela, entre a tradição e a modernidade, entre o discurso colorido dos viajantes e a realidade cinzenta da cidade, da contradição entre a religiosidade e a necessidade de polícia.

Neste texto Benjamin tanto fala da tradição da cidade quanto aponta para o futuro. Os espaços de conexão da cidade com o mundo são os hotéis e armazéns, são eles espaços que criam e propõem formas de viver, transmitem um sentido de civilidade a partir do comércio.

Luciano também comentou acerca do seu estudo sobre a obra de Graciliano Ramos: "Grande Sertão, Veredas". Ao lê-lo tentou buscar os percursos de Riobaldo no sertão mas a obra não traça um percurso preciso para o personagem, embora um geógrafo tenha feito esse esforço de construir esse percurso. A visão de Luciano sobre a obra é que os espaços presentes no texto estão ligados ao lado afetivo do personagem Riobaldo e foi isso o que ele quis captar em seu trabalho.

Luciano também mostrou fotos de Paris e também dos EUA feitas por fotógrafos marginais que visavam mostrar cenas do cotidiano das cidades e os personagens e lugares não conhecidos. A partir da apresentação das imagens Luciano fez várias reflexões sobre o fazer fotográfico, a busca do fotógrafo como caçador de instantes, situações únicas ou também planejador de cenas. Há toda uma discussão a respeito do instante na fotografia. Para Luciano, o tempo é construído pelo fotógrafo. Além da discussão sobre o instante, também há uma outra a respeito da noção da verdade na imagem. Tempo, espaço e verdade são construídos pelo fotógrafo.

Luciano também propôs ao grupo um exercício de fotografia. As pessoas da aciepe devem pensar a resto do tema: "Restos de Luz" e a partir de então buscar imagens que a representem. A luz pode ser artificial ou natural em vários momentos do dia. E os restos podem fazer referência a vários ambientes urbanos. Os restos podem ser produzidos pela incidência da luz que recorta os objetos dando ênfase ou escondendo objetos. Os restos podem ter outros significados também, restos de coisas, casas relações sociais a que a luz pode dar visibilidade.

O exercício é escolher um espaço urbano e nele buscar imagem que dê significado para a expressão "restos de luz". O objetivo do exercício é treinar o olhar sobre diferentes aspectos dos espaços, o que é possível captar deles, que impressões. Por outro lado, pensar se estas impressões captadas são suficientes para transmitir um significado que

se queira. Portanto, também é importante pensar que a imagem não tem um fim em si, ela pode e deve ser combinada com outras linguagens, escrita poética.

Pode-se combinar uma sequência de imagens ou combinar uma imagem com outras linguagens para transmitir uma mensagem a respeito do espaço urbano. Pode-se também partir de um texto escrito, poesia, literatura ou outro para então se buscar a imagem que o complemente em significado.

Ficou-se de se discutir na próxima aciepe como será realizado esse exercício, se todos irão escolher o mesmo lugar da cidade para fotografar ou se cada um poderá escolher o local, prazo para isso. Depois que o exercício for feito Luciano voltará para ajudar na análise do material produzido pelo grupo.

25 de setembro – Sexto encontro

Neste encontro houve espaço para que cada participante falasse das suas intenções de trabalho para a Aciepe. Vários temas foram levantados como: esporte, transporte, comércio e vários lugares da cidade de São Carlos como cemitério, Estação ferroviária, bairro Vila Isabel e camelódromo. E também foi proposto um estudo a partir da trajetória pessoal como morador de várias cidades.

Depois deste encontro ficou conversado para que cada um começasse a por no papel suas ideias, objetivos e pensasse em como vai fazer, que recursos usar (textos, imagens, etc).

Projeto pessoal: Espaços de comércio

As cidades em geral surgem a partir de atividades de produção ou comércio. Sempre foram, na história, locais onde se aglomeram as pessoas, para a comercialização de produtos e serviços são marcadas por fluxos de pessoas e coisas, ou seja, cidade e mercado estão em íntima relação. Além disso, também se verifica que toda cidade tem seus espaços de comércio, em geral, situados no centro da cidade mas também há locais de comércio em vários bairros. Pode-se dizer que cada bairro tem sua rua comercial ou região onde se encontram uma certa quantidade de lojas.

A partir dessa ideia, o objetivo é percorrer o centro e alguns bairros da cidade de São Carlos para identificar alguns espaços de comércio, depois disso, localizá-los no Google Maps de modo a construir um mapa dos atuais espaços de comércio na cidade.

Uma outra etapa, é escolher alguns desses espaços de comércio para observar os fluxos de pessoas nesses espaços, pretende-se registrar imagens e também coletar depoimentos das pessoas que ali circulam. Essa observação será feita no centro da

cidade já que é o local onde se concentra o comércio. No centro da cidade também se percebe diferentes espaços de comércio, entre eles, o mercado municipal, o camelódromo e o calçadão. Será escolhido um desses espaços para ser foco da pesquisa. Será importante conversar com comerciantes para saber da história desse espaço de comércio, a trajetória pessoal nesse espaço, suas opiniões, pontos positivos e negativos desse comércio nesse local, dentre tantos outros temas que podem surgir para se entender as atividades dessas pessoas nesse espaço específico.

02 de setembro – Sétimo encontro

Na primeira parte desse encontro foi discutida a possibilidade de fazer uma viagem a São Paulo para percorrer pontos importantes presentes nas obras de Mario de Andrade. Carol informou que há no site da prefeitura de São Paulo informações sobre pontos turísticos que podem ser percorridos a pé, o que pode ser muito importante para se planejar percursos. A dica é super viável. Os lugares de Mario na época de Ruffato! É possível escolher pontos da obra de Mario e também outros presentes no roteiro da prefeitura.

Luiz Falcolski apresentou para a turma as ideias do plano diretor do município de Araraquara. Um plano Diretor é similar a uma obra literária pois é uma obra fictícia, está falando de uma cidade que deveria ser, não a real, ele visa elaborar um planejamento para o futuro.

Para elaborar um plano Diretor muitas etapas são necessárias mas tudo começou buscando informações sobre a cidade, foi feita uma prospecção literária, fotográfica e buscou-se relatos das pessoas. Foi encontrado em um livro de 1911 uma nota técnica da Câmara municipal que poderia ser considerado o primeiro Plano Diretor pois nele há uma ideia de cidade, um objetivo que era construir uma cidade parque baseada no modelo de cidade jardim como os construídos na velha Europa. E em 1908 começou o plantio de árvores pela cidade e ainda hoje é uma das cidades mais arborizadas da região. Um exemplo de cidade jardim é Goiânia e apresenta um formato com bastante curvas. Não é um modelo de cidade máquina progressista como é, por exemplo, Brasília e que no entanto foi criticada por Clarice Lispector. Segundo ela, faltava em Brasília girafas, isso por que as proporções das obras não eram compatíveis com seres humanos.

Assim como o literato os urbanistas anda pela cidade fazendo notas, faz suas leituras da cidade. A equipe que elaborou o Plano discutia muito e produzia relatórios, notícias foram divulgadas e as informações eram passadas para a população. O Plano Diretor foi participativo.

A constituição federal e a ABNT dão o embasamento legal e formal para os Planos Diretores, mas tem seus limites. A ideia de um Plano Diretor participativo não está nesses documentos e também não prevê a inclusão do aspecto cultural na elaboração de um Plano. No entanto, Araraquara foi pioneira ao formular um Plano Diretor que incluísse essa dimensão. Cultura, nesse caso, pode ser entendida como tudo o que perdura no tempo e espaço, por exemplo, a arborização, a presença da água, os prédios públicos, o sítio arqueológico, as fazendas históricas, etc. Portanto, todo planejamento deve permitir que haja cultura, que ela se mantenha.

É importante fazer a leitura das camadas históricas da cidade e foi isso que permitiu ter uma concepção de Plano Diretor diferenciado. Geralmente, os planos são feitos em 2D e pensam apenas nos espaços físicos urbanos. Em Araraquara, foi pensado também na dimensão ambiental e cultural. Além disso, foi feito um estudo dos Pontos de Observação e atração visual (POVs) de modo a captar a percepção que uma pessoa tem ao andar pela cidade. Estabelecendo-se esses POVs é possível estabelecer normas que evitem que esta visibilidade da cidade seja alterada, por exemplo, pela construção de um prédio alto.

Para captar as percepções acerca da cidade várias fontes foram buscadas, por exemplo, literatura, imprensa, fotos antigas, questionário e entrevista com pessoas, etc.

São várias as dimensões para pensar a cidade: institucional, ambiental, cultural, sócio-espacial, sócio-econômica. Para que seja garantido o Direito à cidade dois critérios devem ser observados: justiça social e eficácia interna-externa.

Enquanto os ambientalistas pensam a cidade dentro de um contexto de nação, o urbanista tende a pensar os problemas bem específicos de uma dada cidade.

Relatou todo o percurso de elaboração do Plano, com discussão com vários setores sociais. Esse percurso é mais longo do que o percurso dos planejadores urbanos de Curitiba mas em compensação, é mais democrático.

Um aspecto interessante também é pensar que Araraquara foi um local frequentado por Mario de Andrade, o qual tinha um tio fazendeiro da região e provavelmente escreveu Macunaína no seu percurso para Araraquara. Além disso, há outras peculiaridades como um parque infantil, o que outras cidades não tem, e que provavelmente pode ter surgido por influência de Mario no período em que foi secretário estadual.

Outras leituras da cidade foram visualizadas por meio de mapas do município de Araraquara e que permitem a visualização de vários aspectos como: localização do agronegócio, da bacia hidrográfica, dos pontos culturais, do sítio arqueológico, da

concentração da área construída, etc, etc. A cidade destrinchada em seus vários aspectos é uma forma de pensar a construção de um percurso de conhecimento, de análise e de planejamento da cidade.